

A LESBIANIDADE COMO ARTE DA PRODUÇÃO DE SI E SUAS INTERFACES NO CURRÍCULO

Patrícia Daniela **Maciel** – UFPEL

Maria Manuela Alves **Garcia** – UFPEL

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

A partir dos relatos autobiográficos de um grupo de sete mulheres professoras que atuaram na educação básica e que, em algum momento das suas vidas, assumiram-se como lésbicas, discute-se como essas mulheres foram interpeladas pelos discursos de gênero nos currículos escolares na produção de si como docentes. Como referências, utiliza-se a noção de experiência de Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Jorge Larrosa, que inspirou a coleta dos depoimentos e a análise das narrativas obtidas. A narrativa autobiográfica é entendida como uma forma de produção de sentidos acerca do vivido e, portanto, uma forma de produção de si. Alia-se a esses estudos, as contribuições de Michel Foucault acerca do dispositivo de sexualidade e do cuidado de si, e a crítica de Judith Butler ao sistema corpo/sexo/gênero. Conclui-se que, a singularidade das experiências das professoras como lésbicas nas escolas produz uma pedagogia que atua não apenas como questionamento dos padrões heteronormativos, mas como uma produção de conhecimento próprio pela qual elas reinventam as suas identidades como professoras.

Palavras-chave: Currículo; Gênero; Professoras; Lésbicas.

A LESBIANIDADE COMO ARTE DA PRODUÇÃO DE SI E SUAS INTERFACES NO CURRÍCULO

Os estudos acadêmicos publicados no Brasil que relacionam gênero e currículo, nos últimos 15 anos¹, têm se voltado, em grande parte, para as análises dos efeitos dos discursos de gênero no currículo das instituições educacionais. Utilizando,

¹ Levantamento realizado a partir das publicações indexadas ao portal SCIELO (www.scielo.br) com os descritores gênero e currículo, entre os anos de 2001 e 2014. Foram analisados 17 artigos, em nove periódicos: Revista de Estudos Feministas, Pro-Posições, Educação e Revista, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Enfermagem, Educação e Pesquisa, Educação e Sociedade, Educação e Realidade e Cadernos de Pesquisa.

em sua maioria, uma perspectiva teórica pós-estruturalista com vertentes dos estudos culturais, feministas e *queer*, esses estudos têm mostrado, com diferentes objetos de análise e sujeitos de pesquisa, que os processos de subjetivação dos sujeitos, assim como o currículo, têm sido constituídos, nos espaços educativos, numa relação de disputas e conflitos advindos das várias circunstâncias culturais.

Esses estudos têm enfatizado que os discursos de gênero no currículo vêm, por vezes, reiterando a maximização das diferenças entre os sexos, entre os homens e as mulheres e, por outras, em menor escala, problematizando, a partir de algumas estratégias políticas e/ou pedagógicas, a desconfiguração dessas linhas identitárias no campo educacional. Com uma contribuição importante para os estudiosos do campo curricular e da educação, essas investigações têm dito que os discursos de gênero, ao problematizarem os processos de produção de significação dos corpos e das sexualidades, não apenas desmoronam algumas verdades e pedagogias relativas às identidades sexuais heteronormativas, mas também polemizam e explodem o próprio raciocínio do campo curricular como uma corporificação imutável de conhecimentos.

O que interessante esses autores e autoras dizem é que, como fenômeno discursivo e cultural, o gênero, ao subordinar-se aos padrões hegemônicos da cultura normativa da escola, e ao mesmo tempo, ao resistir e abandonar a concepção de ser humano imutável em relação ao sexo, não apenas opera nos processos de normalização e de resistência no que concerne ao gênero, mas também, opera como uma tecnologia nas disputas entre as proposições do conhecimento e do próprio currículo ora como verdade absoluta, ora como construção provisória e circunstanciada.

Esses estudos, portanto, vêm fazendo um movimento de questionamento das relações entre a produção das identidades e a significação do próprio currículo, de outra maneira, eles vêm entendendo que, irremediavelmente, o currículo é marcado pelos processos discursivos de formação do gênero dos sujeitos. Contudo, embora estas investigações problematizem e questionem a relação do gênero no currículo no campo educacional, há, no que tange a produção da identidade docente, poucas análises que enfatizam o poder dos discursos de gênero dos professores, como *gays*, lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros e *queers*, na subjetivação dos docentes, inclusive, no campo curricular.

Com o intuito de contribuir no campo dos estudos de currículo que versam sobre o tema do gênero e suas relações com a constituição da identidade docente,

propõe-se uma análise do modo como os discursos de gênero interpelam as professoras que agem segundo uma política de gênero marginal no território do natural e do real. Abordamos como a desconstrução dos princípios que regem a normalização do gênero, ao fazer parte da escola, cria a possibilidade de suspeita dos princípios que regem a noção de currículo como um conhecimento selecionado a partir de uma cultura mais ampla para ser ensinado a todos. Mais especificamente, analisamos como o meio discursivo/cultural dos discursos da lesbianidade, em que a estabilidade da estrutura binária do sexo é subvertida, em que as categorias das identidades são abertas e em que a política da identidade é compreendida como produção política e cultural, possibilita o protagonismo de práticas e pedagogias próprias das professoras analisadas.

Este artigo está baseado em uma tese de doutorado que tratou do tema do gênero e da sexualidade no magistério a partir das narrativas de um grupo de sete professoras que se assumiram como lésbicas em algum momento ou etapa de suas vidas. É parte de uma investigação que teve como foco os modos singulares de um grupo de professoras lésbicas viverem o gênero e o feminino na docência, em meio a uma cultura fortemente heteronormativa e disciplinar. Assim, o que ora apresentamos é um recorte desse estudo no qual evidenciamos como as professoras pesquisadas foram subjetivadas pelos discursos de gênero e como foram afetadas por essas experiências ao ponto de transformarem a si e a suas ações como professoras. Nosso objetivo é mostrar como as experiências de gênero das mulheres investigadas, constituíram um conhecimento próprio e uma mediação das situações vividas por elas como professoras nas escolas.

A pesquisa utilizou como referencial analítico os discursos de gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, representada pelos estudos de autores como Michel Foucault, Judith Butler, Linda Nicholson, Teresa de Lauretis e outros. Ou seja, autores que entendem o sexo e o gênero como discursos de poder, convenções culturais e normas que são construídas socialmente, ou seja, autores que negam veementemente o primado biológico que, condicionado à genitália, cria uma identidade fixa para os sujeitos.

A investigação contou com um grupo de professoras que foram entrevistadas durante o ano de 2012, selecionadas a partir de dois critérios: (1) ter atuado ou estar atuando naquela data como professora de educação básica; (2) ter assumido a posição de lésbica em algum momento da sua vida. Resultaram as histórias de sete mulheres na

faixa etária dos 30 aos 56 anos, naturais de cidades do Rio Grande do Sul, formadas em universidades do mesmo Estado, em cursos de bacharelado e licenciatura de Artes Visuais, Direito, Letras, Educação Física e História – e, também, em cursos de Pós-Graduação em Educação – Especialização, Mestrado e Doutorado – e, com tempo de magistério que variavam de 06 meses a 33 anos de sala de aula.

A coleta de dados teve como inspiração e base teórica a história oral e o método biográfico seguindo as reflexões de Benjamin (1983; 1996), Agamben (2008) e Larrosa (2010), que entendem a narrativa não como um processo linear de busca pela memória ou de algo que se passou no sentido de produzir uma história e/ou um conhecimento, mas como um processo incompleto, de distração, de recusa do armazenamento, de negação, de esquecimento, de fantasia, e tantos outros aspectos, em que os sujeitos, ao narrarem, criam uma experiência de si.

A análise, portanto, utilizou-se da experiência do contar das professoras como um conhecimento que as professoras produziram de si. (Benjamin, 1983; 1996). Como uma prática discursiva, como uma possibilidade que elas tiveram para falar e produzir a si (Agamben, 2008). E ainda, como o lugar onde elas puderam se refazer a cada instante (Larrosa, 2010). Em outras palavras, realizou-se uma análise em que as entrevistas foram tratadas como uma *experiência de si*, em que as professoras puderam produzir as suas histórias, em que puderam criar versões de si e dar sentidos aos acontecimentos de suas vidas, como uma “figura porvir” (Larrosa, 2010), como um sentido que foi produzido sobre o que se passou. O que trazemos, portanto, são histórias de professoras que podem ser contadas como experiências que se dão na relação delas com o mundo.

Considerando essas questões gerais, propomos, na primeira parte do texto, a discussão dos conceitos de gênero e de currículo como artefato na produção de si e dos outros no campo educacional. Posteriormente, exploramos como as professoras lésbicas, no exercício de suas decisões circunstanciadas, não apenas produzem a si nas escolas como docentes, mas também produzem ações e práticas de alteridade nos espaços educacionais. Por último, como tentativa de fechamento, pensando o gênero e o currículo como dimensões políticas, defendemos que, dada a primazia da linguagem, as professoras analisadas são protagonistas importantes na produção curricular e na constituição de uma pedagogia da alteridade.

O gênero e o currículo

Pensar uma conexão entre o gênero e o currículo traz questões e problemas. A primeira questão é como não cair na figura do currículo como objeto tradicional, como uma descrição de conhecimentos básicos e tão familiares aos professores? Daí em diante, as questões se multiplicam: Como ousar e tomar distanciamento para estranhar as atividades de ensino tão rotineiras? Como selecionar, ao mesmo tempo, as práticas entediantes e excitantes dos professores? Como, além disso, interpretar a aproximação com os caminhos que os professores tomam no ato de ensinar e que nos permitem chegar a uma compreensão ampliada das diversas questões que assolam as suas escolhas individuais, entre elas a de gênero? Como descrever o currículo, e o próprio sujeito – entendido como subjetivação –, como a constituição de um projeto inconcluso, como um caminho discursivo repleto de paixões e desvios? Como perceber e analisar o limiar, os estados intermediários, o entre lugar, a fronteira, as lutas e os estados de repouso dos discursos de gênero como contextos de produção do campo curricular? Como olhar para as experiências éticas e estéticas dos professores, as transformações operadas pelo aparecimento da proximidade e distanciamento de uma *ars erotica* nas suas ações docentes como processos de significação daquilo que entendemos por currículo e escola?

Tantas questões, por vezes, levam-nos a uma postura paralisante. É difícil decifrar os enigmas, os efeitos das características identitárias nos aspectos de produção dos professores e do currículo. Principalmente porque são raras as experiências em que os sujeitos produzem uma relação com a verdade, uma verdade que eles produzem não apenas nas suas relações com as leis ou regras, mas pela soberania do próprio sujeito sobre si. É difícil captar as experiências imediatas dos sujeitos, as suas condutas, segundo as suas verdades éticas e individuais. É difícil encontrar relatos que elucidam e explicam a conformidades das condutas dos sujeitos com as suas próprias verdades.

Pois bem, utilizamos os discursos de gênero neste texto para mostrar exatamente essa vontade de pensar o currículo não apenas como uma tecnologia de regulação e limitação do conhecimento advindo das práticas e princípios de governo, mas também como uma tecnologia de regulação que se constitui a partir das manifestações das verdades produzidas nas relações dos sujeitos consigo mesmo e com os outros, quando esses cuidam de si próprios, quando ocupam-se de si mesmos na relação com os outros. É importante dizer que temos a preocupação epistemológica e política de pensar o currículo não apenas como um projeto de conhecimento selecionado

a partir de uma cultura mais ampla para ser ensinado a todos, e conseqüentemente, um dispositivo que, ao mesmo tempo, é constituído e instituinte de saberes e poderes. O currículo, em seus desdobramentos pedagógicos, envolve os sujeitos em formas de trabalho ético e estético atravessadas por tensões que resultam dos embates entre mecanismos de regulação externa presentes no cotidiano do trabalho escolar e forças que apontam para a invenção de si mesmo e do mundo.

O gênero é pensado aqui em acordo com o pensamento de feministas como Butler (2010), Nicholson (2000), Lauretis (1994), Preciado (2005) e Louro (2008). Não um tributo natural, mas um dos mecanismos discursivos e de poder pelo qual o sexo passa a definir aquilo que somos, é o caminho para pensarmos como as professoras lésbicas pensam a si nas escolas e como, a partir das suas vigilâncias em torno de si, elas agem e passam a vida como docentes. É a partir do gênero, portanto, que procuramos entender como elas se interrogam sobre o sexo nas escolas, como elas tomam este tema como uma preocupação no âmbito escolar, como elas se produzem enquanto docentes na relação com seus alunos e colegas, a partir de seus saberes.

Concordamos, portanto, que é preciso ter o gênero como um campo de referência para compreender o currículo. De acordo com Louro, é preciso pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero porque elas nos sugerem não apenas a crítica lógica binária entre homens e mulheres, masculino e feminino, heterossexual e homossexual, mas também sugerem novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação (Louro, 2008).

No âmbito dessas discussões, pensamos o currículo como um espaço discursivo em que os sentidos deslizam, não são fixos, mas sim incompletos. As falas das entrevistadas foram lidas a partir de um movimento analítico que utiliza o conceito de cuidado de si, de Foucault (2004), com o qual entendemos as falas das professoras como indicativos dos modos como elas operam com as verdades que elas criam para si a partir das suas experiências como lésbicas. Usamos essa noção para indicar como, ao fazer uso de determinadas práticas e discursos, elas constituíram alguns modos de ser como docentes. O cuidado de si é entendido como um trabalho ético e/ou uma elaboração que as professoras pesquisadas realizaram sobre si próprias e sobre os outros, na mediação que elas fizeram entre si e os discursos de gênero (o que está fora, exterior), para atuarem como docentes. A noção do cuidado de si faz referência, neste estudo, a uma relação que as entrevistadas tiveram consigo próprias para construir,

dentro dos códigos de controle da sexualidade, algumas maneiras próprias de produzir modos docentes na relação consigo e com os outros, sejam alunos ou outros agentes no currículo.

Para compreender como as experiências de gênero das professoras pesquisadas tornaram-se uma prática de reflexão, de *ascese*, ou seja, uma prática de produção de si, em que elas passaram a refletir sobre si como lésbicas em relação ao mundo e à docência, retomamos algumas partes dos relatos em que elas, ao expor o modo como experienciaram o gênero, davam sentido a essas experiências.

Procuramos evidenciar os discursos em que elas contam como foram arrebatadas pelo gênero, como foram afetadas por essas experiências e como transformaram a si e as suas ações como professoras, de um modo único e singular, a partir das situações das suas próprias vidas. Apresentamos, com isso, uma tentativa de pensar como elas usam o gênero como um “*principio de alteridad*” (Larrosa, 2005), ou seja, como elas usam o conhecimento de gênero, que elas construíram como próprio, como um processo subjetivo com o qual elas refletem e pensam as situações da vida, do cotidiano, do presente, inclusive como professoras nas escolas. A pergunta que resta, então, é: de que forma os modos de viver, pensar e de contar-se, a partir do gênero, tornaram-se modos de experienciar, pensar e ver-se como docentes?

Mesmo que isso possa representar uma virada pragmática, ou seja, uma tentativa de entender, a partir das narrativas das professoras lésbicas, como elas tratam o gênero em situações de sala de aula e da escola, queremos registrar que nossa intenção, ao recorrer às histórias dessas professoras, não foi compreender como elas transformam as suas experiências de vida em conhecimentos e/ou práticas pedagógicas. Essa hipótese foi negada por elas quando muitas afirmaram nas entrevistas que a sua condição de lésbicas sequer lhes propiciou o conhecimento necessário para tratar a homossexualidade na sala de aula e, também, quando enfatizaram que conseguiram trabalhar o gênero e a sexualidade na escola após uma formação pedagógica específica para trabalhar com esse tema. A intenção é problematizar como o gênero tornou-se um domínio subjetivo e material (a experiência de gênero como um acontecimento) nas suas vidas. Queremos mostrar como o gênero pode ser considerado, nas suas experiências de professoras, um dos operadores pelo qual elas constituem as suas referências para agir como docentes. O que queremos salientar é a complexidade da

formação da subjetividade dessas professoras a partir do gênero. É mostrar as diversas formas como o gênero pode aparecer no currículo e na vida dessas professoras.

Partimos do princípio de que o gênero tem efeito na educação e na escola. Tem efeito sobre o modo como os professores, em geral, atuam e ensinam nas escolas. Avançando nessas reflexões, pensamos que as experiências de vida dessas professoras têm um efeito transformador na escola quando elas passam a agir levando em conta a releitura das suas vidas como lésbicas, quando elas aprofundam a noção de si a partir do gênero, quando elas ressignificam essas experiências, quando elas transformam, a partir das suas biografias, os modos de pensar e agir como professoras. Nossa intenção, então, é falar dessas experiências de um modo particular, da experiência de gênero como um domínio, um campo de conhecimento que elas usam para agir como professoras.

Enfim, queremos pensar a escola e o currículo não apenas como um campo de ação em que os atos dos professores são entendidos e reduzidos às regras e às normalizações vinculadas aos valores e às leis institucionais/governamentais, mas como ação/efeito em que os sujeitos vinculam-se também, ou não, aos códigos da cultura, em que fazem combinações, composições, adaptações e derivações, inclusive de gênero, nos seus modos próprios de reagir e produzir a si.

A lesbianidade como experiência e produção de si

Serão apresentados, neste item, alguns fragmentos das entrevistas em que as professoras perceberam a si mesmas como lésbicas na escola, momentos nos quais elas prestaram atenção aos próprios movimentos enquanto mulheres engendradas (Lauretis, 1994), em que escutaram a si mesmas e responderam segundo as suas experiências. Tratamos o conhecimento aqui como uma prática *parresiasta*, de autoformação, de algo que se produz na existência do sujeito e na atividade docente, em uma relação de diagnóstico com o próprio corpo e, quase sempre, em um trabalho de enfrentamento e desprendimento de si.

Os depoimentos das professoras falam de experiências em que o conhecimento é produzido a partir dos movimentos de reflexão que as professoras fazem de si mesmas enquanto seres genereficados e engendrados na docência, na relação consigo e com os outros. Falam da presença dos seus corpos que cruzam fronteiras de gênero na escola,

subvertem condutas sexistas e afirmam outras possibilidades de existência, instituindo de qualquer modo uma pedagogia.

O que apresentamos é a constituição de um conjunto de falas em que elas (re)significam suas posições como professoras a partir das interpretações que têm das suas experiências de gênero. Algumas situações das entrevistas são exercícios de reflexividade que indicam a construção de saberes e de saberes sobre si que mantêm as professoras vivas, a partir das suas particularidades, dentro dos espaços/ambientes marcados fortemente pela ortopedia panóptica.

Para iniciar falando do modo como as professoras entrevistadas citam como estabelecem no currículo algumas experiências com seus próprios sistemas de valores, falamos da noção de experiência usada na narrativa da professora Bruna, que reconhece o poder do dispositivo do sexo na sua vida e também sua experiência de gênero como um princípio, uma lógica de ação e de reflexão para ver o mundo. Nas palavras de Bruna:

(...) de repente o fato de tu ser gay, ser lésbica ou ser trans, o fato de tu não ser heterossexual te faça tu ter toda uma outra compreensão de mundo, que é uma compreensão de quem está sendo achacado, de quem não pode se beijar na esquina, de quem não pode, então, tu não vai fazer isso com os outros em outras fases da tua vida, teoricamente (...) (Bruna, 2012).

Bruna indica que a lesbianidade tem uma significação na sua vida e traz um exemplo do que isso significa para ela, ao ponto de guiar sua conduta. Ela usa o fato de ser “*achacada*” como uma lição de vida. Ela objetiva o seu pensamento a partir dessas situações de negação e privação. E a partir dessa experiência define a forma como deve agir em relação aos outros. Usa essas experiências enquanto um conhecimento positivo em relação a si e aos outros.

A experiência de Bruna, o modo como ela se ocupa consigo mesma, o modo como reflete sobre as situações de sua vida e em relação ao gênero na sua vida, o modo como cria suas próprias lições mostram que Bruna expõe, em suma, como a problematização que ela faz de si, enquanto lésbica, constitui uma estratégia de autoformação e/ou uma estratégia de reelaboração sobre si. A experiência de si, de Bruna, em relação ao gênero, confere a ela, não apenas uma condição em que mostra como trabalha com o ver-se, mas como elabora ideias e comportamentos peculiares para agir em relação a si e aos outros. A experiência de Bruna constitui-se assim, no modo como estabelece uma vinculação entre a relação do que ela viveu como lésbica e do que

estabelece como sendo vital a uma pessoa. Bruna, portanto, usa suas experiências de vida como lésbica, como um aprendizado e/ou um conhecimento para a vida. Usa esse conhecimento para agir no mundo, constitui-se diferentemente do que era a partir dessas experiências.

Em outro depoimento Bruna expõe a significação que faz de si a partir dos modos como era entendida/identificada/marcada pelos seus alunos,

tu consegue identificar quem é e quem não é, mesmo não dizendo nada, mesmo não falando nada, e, pra mim, é isso, passa pela materialidade do corpo, sim, agora não me pergunta como exatamente isso acontece porque eu não sei, mas... quais são os sinais, quais são... e aí acho que é o conjunto da obra, é o que tu fala, como tu te porta, quais são tuas opiniões sobre determinada coisa. (Bruna, 2012)

Para Bruna é pela materialidade do corpo, como um referente, que os alunos a viam como uma mulher “diferente”. Como ela diz, é a partir do seu corpo, do modo como ela se porta e dá suas opiniões, que ela era percebida pelos alunos e é por estas marcas que ela era diferenciada em relação a outras mulheres. Mesmo não assumindo a sua lesbianidade na escola, Bruna diz que sentia que era questionada em relação ao seu corpo e ao seu modo de agir. Em outro momento da entrevista ela conta que por diversas vezes foi questionada pelo seu jeito de falar e vestir. Como ela diz, eles deixavam transparecer nas suas falas as dúvidas e as incertezas que tinham em relação ao que ela realmente era. A verdade é que os discursos dos alunos conseguiam captar as diferenças na materialidade do corpo e no comportamento de Bruna em relação ao padrão de mulher, e por isso ela era questionada, mas não conseguiam explicar e /ou distinguir, pela linguagem, o que representava o seu corpo. Isso se dá, segundo Butler (2007), porque não há uma matriz de gênero, uma matriz ontológica que explique a verdade dos sujeitos. O que há são tentativas de incorporar o gênero numa perspectiva que naturaliza o sexo. Essas tentativas são sempre falhas e fraturadas, portanto, há o que se pode chamar de oposições, ou seja, falhas dentro dos termos, rupturas que mostram como os termos são culturalmente produzidos. (BUTLER, 2007).

A materialidade dos corpos tem um peso na vida de todas as entrevistadas. Bruna salientou que sabia que a sua posição e o seu estilo causavam dúvidas aos seus alunos na escola. Porém, segundo ela, não faz isso, na escola, propositalmente, mas consequentemente, já que faz questão de usar o seu corpo para questionar a normatividade heterossexual.

Alice traz em seu relato um exemplo de uma experiência enquanto professora. Foi uma situação que, segundo ela aconteceu em sala de aula, com dois alunos *gays*. Foi um caso que aconteceu entre ela e dois alunos de uma escola da rede pública. Diz ela:

foi um menino que uma vez me perguntou, ficou pra falar comigo no fim da aula e perguntou assim: professora acontece o seguinte, eu tenho que botar aparelho e eu fui no meu dentista e aí ele me deu várias cores de aparelho pra escolher e a cor que eu mais gostei foi o rosa, foi cor de rosa, mas eu não sei se eu me animo a botar um aparelho cor de rosa (Alice, 2012).

Alice, como lembra, disse a ele que, se usasse a cor rosa no aparelho, talvez fossem mexer com ele e que o importante era ele pensar o quanto isso poderia frustrá-lo ou não, o quanto ele ia deixar esse fato incomodá-lo. Recordou que disse a ele que cada um deve usar a cor de que gosta e rememora que terminou falando:

agora eu quero te dizer uma coisa eu sempre admirei muito, até hoje, eu sempre admiro muito mesmo, porque é presente mesmo quando eu vejo um homem de cor de rosa, admiro tantoe uma semana depois ele foi de aparelho cor de rosa pra aula [risos] (Alice, 2012).

Ela considera, portanto, a atitude do menino a possibilidade de uma aproximação, de troca e de aceitação. O fato é que, para a professora Alice, esse aluno teve o espaço para falar sobre o que é menosprezado e ignorado pelos discursos e pela linguagem da sexualidade no campo curricular e pedagógico porque ele identificou nela algo que os aproximavam.

É importante frisar que, ter com quem dividir as mesmas preocupações e interesses, ter com quem dividir sentimentos e emoções, no território escolar, para os *gays* e para as lésbicas, não é uma experiência comum. No currículo não há receptividade para a vida e as histórias daqueles que são considerados homossexuais ou transexuais. Por isso, Alice diz ter ficado feliz em pensar que aquilo que ela disse pode tê-lo ajudado:

A tomar aquela decisão que não foi fácil, achei bacana e esse é um menino que eu vejo na rua, hoje, de mão com outros meninos, esse é um menino que se assumiu gay. O outro eu não vi, nunca mais encontrei, não sei o que é feito dele e o outro quando era, assim, xingado de gay, porque tudo era xingo e ele ficava muito puto da cara, ele ficava muito puto da cara, ele ficava furioso, ficava louco e saía brigando com todo o mundo, ele se bancava também (Alice, 2012).

Quando Alice relata que o aluno *gay* a procurou porque via nela uma condição de segurança e possibilidade em detrimento do gênero que ela não assumia

publicamente, mas que ele percebia; e quando Bruna relata que o gênero a conduz a um modo de pensar e ver o mundo, percebemos que ambas indicam que há experiências de gênero acontecendo nos currículos escolares. Há uma ressignificação das experiências que elas viveram como lésbicas nas suas ações como professoras. Elas traduzem as suas experiências de gênero, traduzem os perigos, as aventuras e os atravessamentos do gênero para as suas noções de vida. Elas traduzem o vivido e o sofrido em algo apreendido, em algo acumulado e produzido (Larrosa, 2004). O que elas fazem das suas experiências como mulheres que viveram a homossexualidade é usá-las como base para uma *ascese*, ou seja, para pensar, a partir da singularização nos modos como elas se relacionam com o mundo e com os próprios alunos, como devem agir em relação aos seus alunos, por exemplo. O que fazem é estabelecer uma relação pedagógica em que uma das suas bases é constituída na singularidade das experiências das suas vidas como lésbicas. A vida lésbica, assim, é, para elas, um campo de saber. Um campo de onde retiram algumas verdades e regras de conduta para consigo e para com os outros.

Para Ana Paula, outra entrevistada, a condição para que alguns temas sejam trabalhados na escola, como gênero e sexualidade, acontece se as professoras são “*tocadas*” por eles. Ou seja, para ela, o fato de ser lésbica está extremamente ligado ao ato de querer trabalhar pedagogicamente os temas da sexualidade na escola. E isso acontece, segundo ela, porque foi “*tocada*”, quer dizer, porque foi transformada pelas diversas experiências em relação ao gênero na sua vida. Ana Paula foi uma professora que relatou na sua entrevista várias situações de homofobia desde a infância até a vida adulta, principalmente nas instituições educacionais. Foi uma menina que teve de enfrentar os colegas chamando-a de “*machorra*” nas escolas onde estudava, mesmo não sendo lésbica, segundo ela, mas porque não se adequava aos estereótipos femininos. Que teve de enfrentar, também, como lésbica, sérios conflitos nas escolas onde atuava como professora. Ana Paula, assim, tem a escola como um lugar de hostilidade para os *gays* e lésbicas e, exatamente por conhecer bem essas situações, diz que faz seu trabalho de ativismo e militância em relação ao sexo e ao gênero nos ambientes escolares.

Sílvia, apesar de discordar do argumento de Ana Paula, pois diz que nem todas as professoras lésbicas, por serem homossexuais ou bissexuais, problematizam o gênero nas escolas, também salienta que concorda com a ideia de que há aquelas, como ela, que são um “*esteio*” da discussão. Então, para ela, há as professoras lésbicas que não querem assumir essa tarefa por diferentes motivos, e que precisam ser respeitadas por

suas escolhas, e há aquelas, como ela, que “*não basta ser, tem que discutir*”. Para Sílvia e Ana Paula a experiência de gênero é uma causa, um compromisso de vida. É pelo gênero, e não apenas por ele, claro, que elas tencionam as suas ações, que buscam questionar os sentidos e as circunstâncias do mundo. As experiências de gênero, assim, são um percurso pelo qual elas transformam a si e ao mundo. É também por essas experiências que elas tentam instaurar mudanças na cultura e na sociedade. A partir das suas experiências de gênero vão abrindo novos espaços e novos modos de pensar na esfera do pessoal e profissional. A lesbianidade ou a homossexualidade fazem parte do conjunto de elementos que as impulsionam como mulheres e professoras.

O currículo, portanto, não fica imune às ações e aos modos de pensar subjetivos dessas professoras. Mesmo que não tenham visibilidade nas escolas, não há como negar que elas criam, aos usarem suas biografias e reflexões como lésbicas, uma subjetividade na qual o gênero produz efeitos na docência e nos currículos. Nessa direção, podemos afirmar que elas entrelaçam as suas experiências como mulheres e lésbicas às vivências cotidianas de professoras. Mesmo não se assumindo como lésbicas, elas usam as experiências de vida para problematizar os códigos e a regras/normas sexuais vigentes. Elas usam as experiências com seus corpos para se relacionarem consigo e com o mundo. As suas experiências de gênero são, para elas, um sentido que lhes possibilita a construção e o domínio sobre si e sobre suas práticas como professoras.

No que tange ao esforço e à capacidade de Sílvia para interferir no modo como as pessoas pensam as relações, vale citar uma de suas falas, na qual ela narra algumas reflexões que faz usando o conceito de resiliência para indicar como torna as suas experiências de gênero uma aprendizagem “positiva”, ou seja, algo que leva para a sua vida. De acordo com Sílvia, o fato de ser lésbica impõe uma decisão para não tornar-se uma pessoa rancorosa, como ela diz, ou uma pessoa que tem uma estima baixa:

pode buscar fazer da tua vida coisas que não sejam positivas, ou tu pode através dessa situação, de te reconhecer enquanto lésbica, fazer disso a construção positiva da tua vida (Sílvia, 2012).

Sílvia corajosamente, portanto, recusa a primeira opção. Ela não se conforma com os discursos de gênero que poderiam deixá-la “rancorosa” ou com “baixa estima”. O que ela faz é o contrário. Ela tenta sair dos discursos da zona de dificuldade para os discursos que transformam a adversidade em algo positivo. Sílvia, assim como Ana Paula, não aceita a noção de verdade atribuída, por uma visão homofóbica, à

homossexualidade, não aceita o olhar dramático dado às práticas homossexuais e não aceita os discursos que naturalizam o gênero. Como já observamos, elas, a partir das suas experiências de gênero, não apenas negam os discursos negativos como também tentam transformar esses discursos que inferiorizam, excluem e negam a vida e a cultura lésbica, em discursos que valorizam essa mesma cultura. A partir de si, elas criam estratégias, e não apenas uma prática, para construírem como professoras outras relações e discursos nos quais a ordem do humano ganha visibilidade e valorização. E elas fazem esse trabalho não apenas em si e por si, mas também nos outros e pelos outros.

A experiência de Sílvia e Ana Paula é algo, portanto, que Gabriela e Ana Maria, outras duas professoras pesquisadas que abandonaram a escola por conta da homofobia, ainda querem construir. Isso se dá porque elas entendem que aquilo que viveram como experiência de gênero, como professoras, no passado, foi traumático diante das imposições e das retaliações que sofreram no momento em que elas atuaram como docentes. Ambas saíram da escola porque passaram por situações de conflito em relação ao gênero. Por conta dessas circunstâncias, ambas saíram das escolas sem dizer e resolver o que desejavam, ambas saíram sem dizer o que pensavam, levando-as a uma profunda desilusão em relação à escola. Ambas, assim, têm o mesmo sentimento de querer retomar as suas vidas como docentes. Não apenas voltar, mas voltar para mudar, para transformar o que foi negativo. Gabriela diz que não quer reduzir a sua trajetória ao momento negativo que teve de enfrentar como professora e lésbica. Não quer vincular a sua trajetória à situação constrangedora que a levou a sair da escola. Gabriela diz querer refazer a sua trajetória como docente. Quer usar a “falta de experiências de gênero” que diz ter tido, em algo que contribua para seus novos projetos como professora.

Ana Maria também quer reverter a sua história como professora. Hoje, ela diz que se sente mais forte, que possivelmente faria diferente. Não faria diferente somente por uma questão de coragem, mas de tranquilidade pra falar as coisas da maneira como ela pensa “*na época eu não tinha vergonha nenhuma sabe, só que eu não tava preparada pra fazer esse enfrentamento, aquela discussão ali sabe*” (Ana Maria, 2012). Hoje, então, ela diz que quer voltar a trabalhar como professora nas escolas, que quer e pode ir contra o “*velho hábito reprodutor*” (idem, 2012) da escola quando esta fala da sexualidade. Ana Maria quer refazer a sua história como docente produzindo efeitos de questionamento e subversão na definição normativa da sexualidade e do próprio corpo

nas escolas, quer reinventar a si como professora. E essa mudança ela não deseja apenas para si, mas também para os outros. Ana Maria quer praticar o cuidado de si na escola. Ela quer convidar os alunos a pensarem sobre si. A reinventarem a si e a suas subjetividades pensando no gênero. Ela quer abrir espaços para essas experiências nas escolas. Ela quer, assim, como Sílvia e Ana Paula fazem, elevar a sua autoestima como professora e lésbica nas instituições educativas.

Considerações Finais

O principal desafio deste trabalho foi encontrar elementos que pudessem dizer como as professoras criavam seus próprios modos de existir a partir dos discursos de gênero e de sexualidade. Pareceu-nos extremamente importante, assim, ressaltar alguns fatores trazidos neste item, como: o modo de olhar o mundo a partir de quem é “*achacada*”, da professora Bruna; a troca de afeições e conselhos, por exemplo, da professora Alice e seu aluno *gay*; a reafirmação da identidade lésbica na escola, das professoras Ana Paula e Sílvia; a necessidade de reconstrução das posturas como mulheres e lésbicas nas escolas, das professoras Ana Maria e Gabriela; e, principalmente, a construção dos próprios modos de pensar, a partir do gênero, o mundo e a docência, de todas as professoras pesquisadas.

Essas professoras deixam claro que há uma pedagogia e/ou um currículo sendo produzido a partir da ruptura com a tradição do campo curricular em relação ao gênero e à sexualidade. As experiências de suas vidas como lésbicas são usadas para pensar as suas ações como docentes e esse movimento não apenas subverte as normas dos comportamentos sexuais, como também cria uma situação política de reconfiguração dos estilos de pensar a vida e a própria educação. Mesmo sendo oprimidas, em algumas circunstâncias de ódio e ou homofobia, elas conseguem produzir e manter uma reativação positiva das suas vidas e sexualidades. É na convivência e nos laços de amizade com os homossexuais, por exemplo, e com os outros que elas se reconfiguram, despistam as interdições e constroem liberdades. É a partir dessas experiências que elas constituem as oportunidades para traçar as linhas de fuga nos aparelhos institucionais. São esses elementos de resistência que reativam o modo de as professoras pensarem em si como educadoras, criando, assim, novas modalidades de viver o gênero e a educação. O que se percebe é que essas professoras, com suas experiências de gênero, constituem uma maquinaria subjetiva para conduzirem a si e aos outros. O que elas fazem é criar

um estilo próprio de existência, como professoras. E isso faz com que elas não se sintam totalmente controladas pelos aparelhos institucionais que tentam determinar um modo genereficado de viver o gênero e a docência.

O que essas professoras nos mostram é a docência como um campo de possibilidades. Um campo em que os sujeitos podem inventar uma cultura, em que podem induzir novas “modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais” (Foucault, 2006, p. 122). Uma cultura que não seja direcionada apenas aos homossexuais, mas também aos heterossexuais, e a todos aqueles que entendem a importância do poder que há em tratar de si, dos seus saberes, da sua própria constituição e existência.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. 175p.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W Adorno, Jürgen Habermas (Orgs.). *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald. 7 ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. 343 p. (Os Pensadores).
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva - 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.151-172.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar, 3 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 236p.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Michel Foucault: organização e seleção de textos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006. 326p.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.
- LARROSA, Jorge. Experiencia (y alteridade) em educación. Argentina, Buenos Aires, FLACSO, 2005.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5º ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 208p.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: Holanda, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 96p.

NICKOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.2, p. 9-41, 2000.

PRECIADO, Beatriz. Cuerpo y discurso em la obra de Judith Butler: Políticas de lo abyecto. In: CORDOBA, David. SÁEZ, Javier y VIDARTE, Paco (Org.). *Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*. Madrid: Edtiorial Egales, 2005. p. 111-132.